

Scientific journalism, social representations and stigmatization: news published about Sorocaba's free radio stations

Jornalismo científico, representações sociais e estigmatização: notícias veiculadas sobre as rádios livres sorocabanas²

Felipe Parra³  

Data de Submissão: 11 abr. 2020.

Data de Aprovação: 08 maio 2020.

Data de Publicação: 30 jun. 2020.

ABSTRACT: This text corresponds to a critique about news that spread information about Sorocaba's free radio stations. In particular, we intend to cross journalistic records with the testimonies of people who had their own homemade radio broadcasting stations in Sorocaba in the 1980s, 1990s and 2000s. For this purpose, document analysis is used to study two articles published in the newspaper *O Cruzeiro do Sul*. As for the testimonies of the owners of these free radio stations, thematic oral history and semi-structured interviews are used as research methodologies. The results indicate that there was an effort through the printed media to create a negative stereotype of Sorocaba's clandestine broadcasters. However, there is a change in the discourse about the regarding independent broadcasters in the city of São Paulo when such initiatives acquired national and international notoriety.

Keywords: Communication history. Sorocaba's free radio stations. Scientific journalism. Social representations. Stigmatization.

RESUMO: O presente texto corresponde a uma crítica sobre notícias que difundiram informações sobre as rádios livres sorocabanas. Em específico, pretende-se cruzar registros jornalísticos com os depoimentos de pessoas que tiveram suas próprias emissoras caseiras de radiodifusão em Sorocaba na década de 1980, 1990 e 2000. Para tanto, utiliza-se a análise documental para estudar duas matérias publicadas no jornal *O Cruzeiro do Sul*. Quanto aos depoimentos dos realizadores dessas rádios livres, recorre-se ao uso da história oral temática e de entrevistas semiestruturadas como metodologias de investigação. As resultantes indicam que houve um esforço por meio da mídia impressa para criar um estereótipo negativo das emissoras clandestinas de Sorocaba. Contudo, nota-se uma mudança no discurso a respeito das radiodifusoras independentes do município paulista quando tais iniciativas adquiriram notoriedade nacional e internacional.

Palavras-chaves: História da comunicação. Rádios livres sorocabanas. Jornalismo científico. Representações sociais. Estigmatização.

1 **Atribuição CC BY:** Este é um artigo de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.

2 Este trabalho é o resultado da disciplina intitulada Jornalismo Científico, Divulgação Científica e Comunicação Científica: História, Conceitos, Métodos e Práticas, ministrada pelo Prof. Dr. André Chaves de Melo Silva na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) no primeiro semestre de 2019.

3 Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM ECA-USP). E-mail: felipe.parra@usp.br.

1 INTRODUÇÃO

As rádios livres são meios alternativos de radiodifusão que estimulam a participação do cidadão na produção e difusão de informações pelas ondas eletromagnéticas. Em outros termos, são emissoras de rádio clandestinas geridas e operadas por amadores. Esse movimento aparece em Sorocaba/SP por volta 1976. No município, tais iniciativas eram criadas e organizadas por um público frustrado com a programação das rádios comerciais locais. Nas palavras de Marisa Aparecida Meliani Nunes (1995), a cidade já contava com mais de 100 emissoras independentes no ar em 1982. Diante dessa significativa ação, os pesquisadores Arlindo Machado, Caio Magri e Marcelo Masagão (1986) afirmam que as rádios livres de Sorocaba contribuíram efetivamente para o desenvolvimento da comunicação radiofônica no Brasil.

Contudo, nota-se que os registros acadêmicos sobre as rádios livres sorocabanas são vagos e incompletos. Tal argumento adquire relevância ao verificar o texto *Rádios Livres e Rádios Comunitárias no Brasil* de Mauro Sá Rego Costa (2010). No intuito de recontar a história das rádios livre no Brasil, o autor trata alguns aspectos dos meios alternativos de comunicação sorocabanos como lendas.

Outro fator observado é a afirmação do pesquisador quando fala sobre o fim do movimento em Sorocaba. Na perspectiva do autor, o fechamento de algumas emissoras e a ameaça policial bastou para calar definitivamente as radiodifusoras ilegais em Sorocaba. Dessa forma, é possível notar que alguns argumentos do texto carecem de referências teóricas e outros se baseiam em matérias jornalística do jornal *Tribuna da Imprensa*, veículo de comunicação carioca que não possui relevância no cenário sorocabano.

Ante tais constatações, emerge a pergunta: como a mídia impressa da cidade de Sorocaba abordou o movimento das rádios livres do município?

Diante disso, este texto pretende cruzar registros jornalísticos com os depoimentos de pessoas que tiveram suas próprias emissoras

clandestinas de radiodifusão em Sorocaba. Tal esforço se concentra na busca por mais informações sobre essas radiodifusoras.

Para tanto, verifica-se os textos jornalísticos publicados pelo periódico *O Cruzeiro do Sul* por meio da análise documental idealizada pelo pensador Jean Poupart (2008). Quanto aos testemunhos dos realizadores dessas radiodifusoras independentes, recorre-se as ideias propostas por José Carlos Sebe Bom Meihy (2002, 2007) e Fabíola Holanda (2007) sobre história oral temática como metodologia de investigação. As perguntas para realizar tal atividade foram elaboradas com base nos conceitos de entrevistas semiestruturadas apresentados por Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2010) e César Augusto Bernal Torres (2006).

A amostra foi organizada de acordo com o período ativo das rádios em Sorocaba. Assim, opta-se em selecionar pessoas que tiveram emissoras ilegais no município a partir da década de 1980 que aceitaram contar suas experiências. Com este recorte, os donos das rádios livres sorocabanas aparecem dispostos da seguinte maneira: Antônio Isaias Antunes Pereira, dono da Rádio Columbia e Rádio Atividade⁴, que esteve na ativa de 1982 a 1996; Claudio José Dias Batista, da Rádio Centauros 2001/Rádio Voyage⁵, que funcionou de 1981 a 1983; Francisco Noronha Moreira, que operou a Rádio Strick Som de 1982 a 2006; Paulo Stecker, proprietário da Rádio Transuniversal, que permaneceu no ar de 1985 a 1987. Vale ressaltar que amostra selecionada tem um caráter significativo para a pesquisa, pois se concentra no âmago da problemática proposta (LOPES, 2014). Em outras palavras, essas pessoas têm propriedade ao falar sobre o tema já que participaram ativamente do movimento das rádios livres sorocabanas.

Feita as anotações introdutórias, o texto está dividido em três tópicos: Jornalismo científico, apropria-se das ideias de Warren Burkett (1990) para delinear argumentos sobre como o jornal sorocabano *O Cruzeiro do Sul* abordou conceitos científicos para desenvolver matérias acerca da temática; Representações sociais; utiliza a teoria das representações sociais propostas por Serge Moscovici (2003) para verificar a imagem atribuída

⁴ A Rádio Columbia mudou seu nome para Rádio Atividade em 1986. O motivo foi a instalação do Centro Experimental Aramar em Iperó, município próximo da cidade de Sorocaba. Tal complexo faz parte do programa de nuclear brasileiro junto com Angra 1, Angra 2 e Angra 3 (KURAMOTO, APPOLONI, 2002). O nome Rádio Atividade era uma alusão ao processo de enriquecimento isotópico efetuado em Aramar (PEREIRA, 2019).

⁵ Inicialmente, a rádio de Claudio José Dias Batista se chamava Centauros 2001. Pouco tempo depois, o nome foi alterado para Rádio Voyage (BATISTA, 2019).

as radiodifusoras independentes pelas matérias do periódico; Estigmatização; recorre aos pensamentos de Norbert Elias e John L. Scotson (2000) a fim de verificar a estigmatização que as emissoras clandestinas de Sorocaba sofriam por parte da mídia impressa e como esse processo influenciou na percepção dos próprios donos das rádios livres sorocabanas sobre si mesmos. São temáticas diferentes e complementares que emanam características do objeto/contexto a ser investigado. Nesse caso, opta-se por tal ramificação para expor os argumentos desenvolvidos de forma clara e coerente para o leitor.

2 JORNALISMO CIENTÍFICO

Esse segmento da investigação se dedica em averiguar as estratégias adotadas pelos meios de comunicação da cidade de Sorocaba para abordar o conceito de rádios livres. Diante da tarefa, seleciona-se duas matérias produzidas pelo jornal *O Cruzeiro do Sul* como corpus dessa pesquisa. O critério de seleção da mídia impressa citada se baseia na frequência com que a temática foi abordada e a relevância do jornal para o contexto sorocabano. Vale mencionar que, na década de 1980, o periódico era o principal difusor de informações sobre o município. Com este recorte, a ação identificou 13 matérias sobre as rádios livres sorocabanas

publicadas entre 23/10/1981 a 16/08/1992. Especificamente, opta-se em aprofundar nos conteúdos veiculados em 12/10/1982 e 02/11/1986, pois são períodos distintos que mostram consideráveis mudanças no discurso sobre a temática.

No intuito de trazer embasamento teórico para a atividade, utiliza-se os conceitos desenvolvidos por Warren Burkett (1990). O autor delinea alguns aspectos para a seleção a notícia científica que será publicada. A perspectiva do pesquisador enfatiza que há inúmeras informações sobre a ciência que podem ser publicadas. De declarações sobre novos produtos e processos a orientações sobre novas doenças, inundações inesperadas, erupções vulcânicas, terremotos etc. Cabe ao jornalista julgar a importância e a pertinência do material que será veiculado.

Para tanto, pode-se recorrer a alguns critérios tradicionais que determinam o valor noticioso das informações. Eminentemente, senso de oportunidade, *timing*, impacto significado, pioneirismo, interesse humano, variedade, cientistas célebres, proximidade e conflito são alguns parâmetros utilizados para selecionar a notícia.

Sendo assim, pode-se observar que a primeira matéria sobre as rádios livres sorocabanas veiculada no jornal *O Cruzeiro do Sul* foi dia 12/10/1982 alerta para o crescimento das radiodifusoras independentes no município (Figura 01).

Figura 1 - Matéria veiculada no jornal O Cruzeiro do Sul dia 12 nov. 1982

CRUZEIRO DO SUL - PÁG. 6
Sorocaba
TERÇA-FEIRA, 12/10/82

Rádios clandestinas já preocupam

Elas interferem na FM e não respeitam os ouvintes. PX Clube quer ação rigorosa do Dentel

De alguns meses para cá, os "dials" dos aparelhos de Frequência Modulada da cidade foram invadidos por emissoras clandestinas que, por colarem no ar palavras, comentários obscenos e até mesmo palavras de ordem contra o governo e as autoridades, têm gerado inúmeras queixas dos populares. Em vista disso, o PX Clube de Sorocaba, que representa o Departamento Nacional de Telecomunicações - Dentel - embora esteja voltado apenas aos rádios faixa-cidadão, está oficiando aquele departamento para que envie um equipe fiscalizadora à cidade, a fim de que as rádios "piratas" sejam descobertas e seus responsáveis punidos.

Atualmente, pelo menos três emissoras clandestinas funcionam diariamente em Sorocaba. Uma delas é a "S-pace", outra, a "Voyage", e há ainda uma com o nome de "Big Ben". Segundo ouvintes dessas rádios, existe a possibilidade de ligação entre os proprietários das duas primeiras, já que não raro o locutor de uma se refere à outra, mandando mensagens para os compatriotas de infração. Funcionando em horários diversos, em especial nos finais de semana, as emissoras transmitem literalmente tudo o que seus proprietários locutores desejam, desde imitações mal feitas dos personagens da TV até palavrões e obscenidades.

Fácil de transmitir

Ao contrário do que se pensa, não custa caro demais para se colocar uma rádio FM no ar, clandestinamente. Caram, mesmo, são as muitas que o Dentel aplica, quando constata esse tipo de prática. Segundo um técnico em rádio e TV da cidade, a transmissão se faz através de equipamentos montados em casa, com amplificação de sinal. Basta que se tenha algum conhecimento de eletrônica: as peças, todas nacionais e relativamente baratas, podem ser encontradas em qualquer loja do ramo, embora os equipamentos não sejam fabricados para a venda a pessoas não autorizadas.

A ampliação da potência dos transmissores, a ponto de haver a captação por parte dos aparelhos de rádio, é feita de duas maneiras: ou se acopla o transmissor a um amplificador, ou se substitui o transistor original por um de maior potência. De acordo com o técnico, qualquer revista especializada ensina como é que se constrói um transmissor - o que só é permitido para fins educativos. Atualmente, há inclusive um mini transmissor à venda em todas as lojas. O "Scorpion", que é liberado por alcançar apenas 50 ou 60 metros de raio. Mas esse mesmo aparelho, que custa três mil cruzeiros, pode ser adaptado para a transmissão em frequência proibida.

PX vai intervir

Embora não tenha poderes para determinar punições nem esteja voltado para a Frequência Modulada, o PX Clube de Sorocaba, que representa o Dentel, deverá pedir aquele departamento para que envie um selado de rádio-escuta à cidade, a fim de que sejam localizadas as emissoras "piratas".

Para isso, há dois motivos: primeiro, porque vários populares têm-se dirigido à entidade, reclamando dessas emissoras; segundo, porque os operadores de rádio faixa-cidadão têm sido acusados pelas interferências em aparelhos de TV e FM, que, segundo o clube, são responsáveis das rádios clandestinas.

O primeiro secretário do PX Clube, Adolfo Miteidino, explicou ontem que

não existe qualquer relação entre a Frequência Modulada e a frequência do PX. "O clube só trabalha dentro na casa dos 26.965 a 27.605 MHz, enquanto as rádios clandestinas operam com até 148 mil MHz. Por isso, como o nome já diz, o clube se limita apenas a controlar o uso do PX, sem interferir nas FM's", disse ele. O que acontece, segundo Adolfo, é que a entidade resolveu tomar a peito as reclamações dos populares, e oficial ao órgão federal pedindo a solução do problema.

Causando interferências

O pior de tudo, para o representante do PX Clube, é que as emissoras de FM clandestinas têm colocado a opinião pública contra os operadores de faixa-cidadão, devido às interferências causadas por elas em rádios e aparelhos de TV. "A gente trabalha dentro da frequência permitida, com aparelhos homologados pelo Dentel, que não provocam interferências. Acertou que as emissoras "piratas", por serem adaptadas, não têm controle nenhum. Os equipamentos são todos desregulados, então há qualquer moderação de potência, e no fim as transmissões acabam interferindo até mesmo em televisores", informa Adolfo.

Para o primeiro secretário do PX Clube de Sorocaba, outro problema que o Dentel deverá averiguar em sua visita à Sorocaba será o dos rádios faixa-cidadão que estão sendo operados sem indicativo, o que é proibido. Há, de acordo com Adolfo, muitos aparelhos nessas condições funcionando na cidade atualmente, apesar de ser bastante fácil conseguir o indicativo junto ao Dentel. E o operador de PX dá uma dica: todos aqueles que tiverem reclamações sobre rádios de FM clandestinas, podem fazê-las diretamente ao Dentel, ouvindo o fone à Rua Costa IV nº 55, bairro da Consolação, em São Paulo. Aos cidadãos do Departamento de Fiscalização

Concurso de seleção para curso na Fatec

O Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, por intermédio da Faculdade de Tecnologia de São Paulo, estará recebendo até o próximo dia 22, as inscrições para o concurso de seleção para o curso de graduação de professores da parte de formação especial do currículo do ensino de segundo grau.

O curso é destinado aos professores da parte de formação especial do currículo do segundo grau, no exercício da docência em escolas da rede estadual, para portadores do diploma à nível de técnico grau, nos habilitações de Mecânica, Eletrônica, Eletrotécnicas e Edificações.

O curso, gratuito, será ministrado na Faculdade de Tecnologia de São Paulo e os professores da rede estadual que residirem fora de São Paulo, terão o direito de receber uma bolsa manutenção, no período de frequência às aulas ministradas nas unidades de ensino jurisdicionadas ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza.

Poderão se inscrever professores da rede de segundo grau do Centro, os quais estarão sujeitos à classificação se houverem vagas remanescentes, não preenchidas pelos docentes da rede estadual.

Dois locais sediarão o curso: Faculdade de Tecnologia de São Paulo e Escola Estadual de Segundo Grau Bento Quirino (Av. Orzoinho Maia, 2.600 - Campinas - São Paulo).

Inscrição

As inscrições poderão ser feitas no Centro Paula Souza, praça General Fernando Prestes, 74 - sala 12, no Capital, no horário das 8h30 às 21 horas, de segunda a sexta-feira. A documentação necessária é a seguinte: cópia da ficha de exercício atualizado ou atestado expedido pelo diretor da escola, registrando o nome do supervisor, número do RGT, padrão (referência) do grau, jornada de trabalho, órgão de lotação ou exercício, tempo líquido de exercício no cargo ou função; para simples anotações: diplomas de curso superior (original ou cópia autenticada) e comprovante de conclusão de curso já reconhecido, nas áreas de Mecânica, Eletrônica, Eletrotécnica e Edificações, cópia de identidade, certificado de quitação com o Serviço Militar e título de eleitor.

Fonte: RÁDIOS, 1982

SÓ ESSA FALTAVA!
CAMINHÕES COM HORÁRIOS!

Alguns sazes cunhos e encomendas têm horário certo de saída, para qualquer parte do Brasil.

Saida de Sorocaba: às 8 - 10 - 12 - 14 - 16 e 18 horas
Saida São Paulo: às 6 - 8 - 10 - 12 - 14 e 18 horas
Fazemos coletas e entregas imediatas.



FIDRAVANTE

Cargas e encomendas para qualquer parte do Brasil.
Rua Rodrigues do Prado, 471 - Teléfix 32.0388 e 32.0246 - Sorocaba - SP
Rua Dona Santa Veloso, 648 - V. Guilherme - São Paulo
Telefones: 92.5517 e 92.4131.

O primeiro secretário do PX Clube, Adolfo Miteidino, explicou ontem que

JOSSHE

v. 3, n. 1, Jan./June, 2020.

A notícia trata as emissoras ilegais como iniciativas marginais que difundiam discursos banais e palavras de ordem contra as autoridades governamentais por meio de palavrões. O discurso de caráter pejorativo menospreza as ações ao afirmar que as emissoras clandestinas eram operadas por amadores que não dominavam a tecnologia. Devido a isso, a frequência era descontrolada e causava interferências em TVs ao propagar obscenidades e imitações malfeitas de artistas pelo espaço eletromagnético.

É possível notar que o enunciado destaca as ações punitivas praticadas pelo Departamento Nacional de Telecomunicações (DENTEL) contra essas práticas. Claramente a estratégia é usada para desencorajar as pessoas que desejam se enveredar pelas potencialidades comunicacionais oferecidas pelas rádios livres. A notícia também incentiva a população a denunciar tais atividades. Outro ponto de destaque são os termos utilizados para denominar essas intervenções. O artigo se refere as radiodifusoras independentes como emissoras clandestinas, ilegais e piratas. Palavras que, no senso comum, são atreladas a características negativas e defeitos.

Quanto a notícia científica atrelada ao tema, podemos averiguar que se torna necessário uma explicação sobre a tecnologia utilizada para se criar uma rádio livre e como esse equipamento funciona. Devido a isso, o meio de comunicação recorre a estudos da eletrônica para elucidar essas questões para o seu público.

Ao retomar os pensamentos propostos por Burkett (1990), nota-se que o critério noticioso do *timing* está relacionado ao senso de oportunidade. Determinado assunto científico pode ser relevante se estiver relacionado a um acontecimento, evento, data ou estação do ano. Com o crescimento das radiodifusoras independentes na cidade de Sorocaba em 1982, tornou-se pertinente resgatar conhecimentos científicos para complementar as informações sobre os fatos que ocorriam no município.

Já a notícia publicada em 02/11/1986 aborda ideias que reivindicam a legalização dessas iniciativas. O texto conta com o depoimento de Claudio José Dias Batista. O membro das rádios livres sorocabanas concordou em ceder uma entrevista para o jornal, pois sua emissora clandestina já tinha encerrado as atividades na época (Fig. 02). No decorrer da escrita, nota-se mudanças na abordagem da temática. O texto adquire uma

postura mais respeitosa ao se aprofundar em questões como difusão de ideias alternativas, pontos de vista político-ideológicos.

Há o cuidado de mostrar que a linguagem de baixo calão ainda existe. Porém, destaca-se que não são todas as rádios que se utilizam desse recurso. Atenta-se para o fato de a notícia ser categórica em afirmar as emissoras ilegais que difundem palavrões prejudicam a imagem das iniciativas.

Outro fator observado são os termos utilizados para denominar essas emissoras de radiodifusão. É possível constatar que palavras como ações alternativas, representantes da pirataria hertziana e rádios livres foram incorporados ao conteúdo. Aparentemente, a escolha dessas expressões denota certa cordialidade com essas iniciativas. Obviamente os termos rádios piratas e clandestinas ainda estão presentes na escrita. Todavia, percebe-se que as palavras foram utilizadas para orientar o leitor. Isto é, esses meios alternativos de comunicação já eram reconhecidos pelas pessoas por esses vocábulos. Logo, a equipe editorial aproveitou esse conhecimento popular para introduzir o público no tema.

Figura 2 - Matéria veiculada no jornal O Cruzeiro do Sul dia 02/11/1986



Fonte: FILHO, 1992

Tais constatações corroboram com o depoimento de Claudio José Dias Batista (2019, p. 216). Nas palavras do dono da extinta Rádio Voyage, o jornal passou a tratar respeitosamente tais iniciativas. Quando a mídia impressa “[...] viu que Sorocaba era a origem de um fenômeno interessante, passaram a abordar não como piratas, mas como jovens livres [...]”. O relato do ex-integrante do movimento das rádios livres sorocabanas evidencia a ligação da mudança no posicionamento do jornal sobre as emissoras clandestinas com a popularidade nacional e internacional que estas ações adquiriram. Como o interesse por notícias sobre as radiodifusoras independentes de Sorocaba aumentou, o meio de comunicação se viu obrigado a tratar tais atividades de forma isenta. Ou seja, os jovens proprietários de emissoras independentes passaram de marginais propagadores de obscenidades para difusores de conteúdos alternativos.

Em relação ao jornalismo científico utilizado, há a possibilidade de verificar que o critério noticioso (BURKETT, 1990) do *timing* está presente no artigo. Contudo, percebe-se mais dois outros fatores que determinaram o valor noticioso das informações veiculadas: o senso de oportunidade e o impacto.

O senso de oportunidade na reportagem científica está para além do imediatismo. Pode ocorrer hoje um evento que necessite verificar notícias científicas que já foram publicadas. Logo, recorre-se ao conhecimento sobre ciência de acordo com o tema e/ou a situação abordada.

Já o objetivo do impacto se concentra em averiguar quais notícias científicas podem afetar maior quantidade de pessoas. Isto é, quando o interesse pelo conteúdo científico aumenta.

Com base nessas ideias, constata-se que os critérios utilizados auxiliaram na seleção de conhecimentos científicos para enriquecer a escrita. Conceitos teóricos de Félix Guattari e Suley Rolnik (2013) sobre micropolítica e ideias a respeito das radiodifusoras independentes (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1986) são explorados para inserir o leitor no âmago da discussão. Sendo assim, nota-se que as rádios livres sorocabanas e, conseqüentemente, seu reconhecimento, contribuíram para a divulgação de conceitos científicos.

Ao pesquisar sobre os registros acadêmicos acerca do objeto de estudo em questão, nota-se que a última matéria apresentada neste tópico é utilizada como referência na dissertação intitulada *Rádios*

livres. O outro lado da voz do Brasil. O estudo toma como verdade trechos da matéria veiculada no jornal *O Cruzeiro do Sul*. Especificamente, Nunes (1995, p. 39) afirma que a Rádio Voyage “[...] e se junta à Spectro para formar a mais popular rádio livre de Sorocaba: a Spectro Voyage Clandestina – SVC [...]”. Ou seja, as informações disponibilizadas pelo meio de comunicação validam o enunciado proposto pela pesquisadora.

Contudo, ao se debruçar sobre o relato de Claudio José Dias Batista (2019, p. 216), essa alegação é colocada em dúvida. Nas palavras do dono da extinta Rádio Voyage, a fusão com a Rádio Spectro.

[...] foi por pouquíssimo tempo. Eu era muito amigo do dono da Spectro FM. Se não me engano o que combinamos foi que eu dava o transmissor e ele os equipamentos de áudio que eram de alta qualidade para época. [...] essa união Spectro/Voyage foi muito efêmera. Eu tenho a impressão de que eles pegaram estas informações de uma entrevista que dei para o jornalista Joaquim Gil de Carvalho, do Cruzeiro do Sul, em 1986, mas não tenho certeza. Esses trabalhos trazem uma visão macro de um fenômeno que não víamos [...]

O depoimento da pessoa que participou ativamente desse acontecimento revela que há equívocos nas informações publicadas pelo jornal. Infelizmente, esta ocorrência impacta diretamente nos estudos que usaram esse material como referência. Nesse sentido, as argumentações apresentadas apontam para o fato da pesquisa desenvolvida ter certa discrepância com a história das emissoras clandestinas do interior de São Paulo.

3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Sabe-se da influência do jornal *O Cruzeiro do Sul* na cidade de Sorocaba. Logo, o discurso do periódico foi amplamente difundido e absorvido pela comunidade local. Como as primeiras notícias sobre as rádios livres sorocabanas tinha conotação pejorativa, a população relacionou as emissoras independentes com uma imagem negativa e marginal. Em termos práticos, a população validou uma representação social criada pelo poder hegemônico.

Para se aprofundar no pensamento que se desenvolve, opta-se em recorrer a teoria das

representações idealizadas por Serge Moscovici (2003). O principal conceito da proposta se concentra na leitura que os seres humanos fazem do mundo que habitam. Em específico, é o processo de tornar familiar algo estranho para uma comunidade. Logo, verifica-se que, por meio das representações sociais, diversas culturas ancestrais tentavam explicar as estações do ano, erupções vulcânicas, chuvas intensas etc. Tal afirmação adquire relevância ao observar que vários deuses de diferentes mitologias eram associados a esses fenômenos naturais. Thor, Zeus e Mitra são alguns exemplos de entidades divinas ligadas a eventos de caráter natural.

Moscovici (2003) não enxerga as representações como formas estáveis de compreensão coletiva. Portanto, não há uma definição que domina e torna as representações sociais imutáveis. Estas são (re)construídas coletivamente por meio da comunicação que ocorre entre as pessoas.

Resumidamente, as representações sociais são sistemas de valores, ideias e práticas socioculturais com a função de tornar familiar os elementos estranhos presentes dentro de uma sociedade. Simultaneamente, tal processo tenta categorizar esses componentes na expectativa de encaixar algo anormal em um padrão. Uma cadeia de comportamentos, percepções, opiniões, noções e vidas. Desse modo, as representações sociais se hibridam, esvaem-se e se (re)organizam para emergir sob novas representações.

Com base nessas ideias, nota-se que as representações sociais podem ser utilizadas pelo poder hegemônico como estratégias de repressão contra as rádios livres. Tal meio foi usado

[...] no ápice da repressão às rádios livres “atravessadas” no movimento social, a empresa de navegação aérea Alitalia introduziu uma polêmica ridícula, baseada no argumento de que as emissões clandestinas estavam provocando interferências nos aparelhos de comunicação de bordo, durante a operação de aterrissagem. Essa polêmica foi logo engrossada pelas forças conservadoras do país, que começaram a pressagiar as rádios livres entrando nas faixas da polícia, das ambulâncias, dos bombeiros e provocando uma catástrofe urbana. O pânico era produzido para manipular a opinião pública, pois jamais aconteceu acidente algum devido as emissões radiofônicas [...]

(MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1986, p. 65).

A citação enfatiza a criação de uma representação social para as emissoras independentes de radiodifusão na Itália. Essa ideia foi adotada e amplamente divulgada pelo poder hegemônico. A afirmação ganha relevância ao observar que, mesmo atualmente, há leis e campanhas contra as radiodifusoras independentes que ainda se baseiam nos boatos produzidos pela companhia Alitalia.

O depoimento de Fernando Noronha Moreira (2019) reforça a ideia apresentada. Segundo o proprietário da extinta rádio livre sorocabana Strick Som, “[...] acho que o que mais trouxe a fama pejorativa para as rádios piratas foi a ideia que a emissora clandestina causa interferência no sistema de comunicação das aeronaves e/ou atrapalha o rádio da polícia [...]”. Diante do fato, é possível notar que as representações sociais produzidas pelo poder hegemônico migraram para o Brasil.

Ao estudar o testemunho de Claudio José Dias Batista (2019, p. 218), observa-se a potência que tais representações sociais tinham em Sorocaba na época. Nas palavras do dirigente da extinta Rádio Voyage

[...] quando comecei a trabalhar na rádio Cacique, algumas pessoas tentaram me prejudicar. Ligaram para o senhor José Rubens Bismara (dono da rádio Cacique) e falaram que eu tinha uma rádio pirata. Ele me chamou e abordou o assunto. Com receio, disse que sim, mas não tinha mais essa rádio desde quando comecei a trabalhar na rádio Vanguarda. Ele me parabenizou pela iniciativa e disse que, embora fosse contra os interesses das rádios comerciais, a atividade enriquecia meu currículo. O interessante é que o senhor José pediu para eu sugerir algumas mudanças na rádio Cacique devido a minha experiência com rádios livres [...]

O relato evidencia o uso das representações sociais atreladas aos meios alternativos de radiodifusão como forma de intriga contra seus próprios donos. Ao ser validado pelo poder hegemônico, o rumor conquista respaldo. Esse processo transforma uma suposição em verdade. Quando difundida, a perspectiva dominante estimula que a população produza representações sociais a partir desse viés ideológico. Assim, pode-se

constatar que boatos podem construir representações sociais sólidas em uma sociedade.

Atualmente, esses discursos contra as emissoras clandestinas ainda possuem relevante eficácia. Esse argumento adquire notoriedade ao verificar que alguns donos de extintas rádios livres de Sorocaba se recusaram a participar desta pesquisa devido ao estereótipo negativo atribuído a essas iniciativas. Pessoas como os proprietários da Rádio Chama e Rádio Spectro são exemplos desse fato. Logo, pode-se observar que essas representações sociais estão vigentes no contexto sorocabano até hoje.

Obviamente, o receio desses sujeitos se deve ao Artigo 183 da Lei Geral de Telecomunicações⁶. Todavia, nota-se que a norma se vale das representações sociais aplicadas as radiodifusoras independentes. Dessa forma, a imagem pejorativa aplicada a esses meios alternativos de comunicação orienta as regras estabelecidas pelo poder hegemônico. Logo, a notícia publicada dia 12/10/1982 replica e reforça as representações sociais criadas para essas iniciativas.

Para se afastarem das representações sociais impostas as emissoras clandestinas, alguns proprietários dessas iniciativas se aproximavam do modelo convencional de locução. Tal posicionamento visava criar uma reputação séria e profissional para a rádio ilegal. Nesse sentido, nota-se a preocupação da Rádio Columbia com sua reputação. Tal ação utilizava uma linguagem mais refinada, livre de palavrões e/ou gírias (PEREIRA, 2019). Talvez esse esforço também esteja atrelado ao desejo de trabalhar em rádios comerciais. Assim, a rádio livre se tornava uma forma de aprender a operar uma emissora de radiodifusão. Simultaneamente, era possível mostrar habilidades com a tecnologia do rádio e certo conhecimento da linguagem radiofônica padrão por intermédio desses meios alternativos de comunicação.

Nessa perspectiva, percebe-se que Paulo Stecker (2019) também tinha esse cuidado com sua emissora ilegal. Segundo o membro ativo das rádios livres sorocabanas, a Rádio Transuniversal era o início do aprendizado. O objetivo desde sua infância era ser locutor em uma emissora convencional. Para atingir esse propósito, o realizador criou um grupo

de comunicação fictício chamado ABS. A sigla significava Adriano e Beto Stecker, os pseudônimos usados por Paulo Stecker e seu amigo nas transmissões independentes. O intuito dessa ação era fazer com que a rádio livre aparentasse ser afiliada a uma importante corporação de telecomunicação. Devido a isso, a tática criada pelo rádio amante afastava a atividade das representações sociais impostas pelo poder dominante.

4 ESTIGMATIZAÇÃO

Os conceitos desenvolvidos apontam para o fato das representações sociais serem produzidas pela sociedade. No caso das rádios livres sorocabanas, percebe-se que boatos gerados por uma empresa italiana foram tomados como verdade. A difusão desse discurso ideológico pela mídia impressa incentiva a população criar uma imagem pejorativa desses meios alternativos de comunicação por meio da estigmatização.

De acordo com Norbert Elias e John L. Scotson (2000), o estigma corresponde aos mecanismos de identificação do outro. Tal processo permite rotular sujeitos sem a necessidade de um contato profundo. Dessa forma, a sociedade é dividida entre os estigmatizados e os normais. Portanto, o estigma serve para diferenciar negativamente pessoas de um específico grupo. Em termos práticos, o estigma padroniza a sociedade ao classificar o outro de forma difamatória.

O estigmatizado é encarado como pessoa incapaz de ser aceita plenamente pela sociedade. Destarte, o estigma limita as possibilidades de agir do sujeito e, simultaneamente, torna aceitável as características negativas atribuídas a ele. Diante desse cenário, o estigmatizado pode se esforçar para ser aceito ou assumir uma postura marginal como forma de retaliação. Então, pode-se considerar que o comportamento do estigmatizado oscila entre o retraimento e a agressividade.

Diante de tais conceitos, nota-se que os donos das radiodifusoras independentes do interior de São Paulo foram estigmatizados como marginais que propagavam obscenidades pelo espaço eletromagnético. Ao sofrer esse tipo de abuso, essas

⁶ O artigo 183 da lei 9472/97 determina que é proibido desenvolver clandestinamente atividades de telecomunicação no Brasil. A pena prevista é de dois a quatro anos de reclusão, aumentada da metade se houver dano a terceiro, e multa de R\$ 10.000,00 (dez mil reais).

Disponível em: <
<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/103340/lei-geral-de-telecomunicacoes-lei-9472-97#art-183>>.
Acesso em: 24 jul. 2019.

peças assumiram um posicionamento rebelde que subvertia o significado do termo rádio pirata. A expressão era utilizada pela mídia impressa para se referir às emissoras clandestinas da cidade.

Eminentemente, as rádios piratas são

[...] emissoras que vêem o rádio, antes de mais nada, como um veículo de comunicação altamente lucrativo. Na Inglaterra, onde surgem, elas são organizadas para combater o monopólio estatal das telecomunicações representado pela BBC - British Broadcasting Corporation [...] (NUNES, 1995, p. 15).

A citação enfatiza o forte interesse econômico das rádios piratas. As primeiras iniciativas com esse viés ocorreram na Grã-Bretanha. Esses meios de comunicação clandestinos recebiam investimento financeiro de gravadoras para tocar músicas que não entravam na programação das rádios tradicionais da época. Para se protegerem das leis britânicas, essas emissoras independentes eram montadas em navios que se refugiavam em águas internacionais. Devido a isso, essas ações começaram a ser chamadas de “piratas” por volta de 1950. Com a popularização do termo, as emissoras começaram a sustentar bandeiras negras em seus navios. Era uma clara referência aos corsários. Em suma, as rádios piratas era uma maneira ilegal de burlar os mecanismos de controles burocráticos e financeiros das grandes corporações.

Como as rádios piratas, as rádios livres funcionam na ilegalidade. Contudo, o interesse dessas emissoras independentes não está no lucro. O foco é fazer com que as pessoas comuns experimentem a linguagem radiofônica. Assim, as radiodifusoras independentes consistem em meios alternativos de comunicação que estimulam a produção e difusão de informações feitas por amadores. Um veículo de informação capaz de tolerar e encorajar a livre expressão das singularidades sociais (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1986). Em outras palavras, é uma forma alternativa de fazer rádio, sem a presença do especialista.

Esta breve explicação sobre a diferença entre os conceitos evidencia a diferença entre tais iniciativas. Mas, para a sociedade sorocabana e a mídia impressa local, não havia distinção entre esses meios alternativos de comunicação. Devido a isso, as rádios livres sorocabanas eram conhecidas como rádios piratas.

Nunes (1995, p. 16), aponta que “[...] no Brasil, o termo *pirata* costuma ser confundido com o da rádio *livre*, sendo aceito até mesmo por alguns participantes do movimento”. A citação enfatiza o emprego do termo pirata no contexto brasileiro. Nota-se que, na perspectiva da autora, o termo não tem relações com as rádios piratas inglesas. Ou seja, a expressão não carregava o mesmo conceito pejorativo no cenário nacional. Isso evidencia a subversão e a apropriação do termo rádio pirata efetuada pelos proprietários de rádios livres.

Tal ideia se associa aos relatos coletados pelas entrevistas. Eminentemente, a palavra pirata exprime a noção de fazer o que quiser, da forma que desejar sem pensar em lucros financeiros (BATISTA, 2019). Dessa forma, pode-se notar que tal termo estava ligado a um conceito de liberdade de expressão distante de interesses econômicos. Simultaneamente, é possível perceber certa rebeldia contra as formas convencionais de se fazer rádio e, conseqüentemente, contra o poder hegemônico. Essas afirmações ganham força ao averiguar o depoimento de Stecker (2019): “[...] não me importava em ser chamado de pirata porque a gente roubava frequência mesmo. Tive rádio pirata e não me arrependo de ter tido [...] e não ganhei um centavo com a Transuniversal”.

Vale ressaltar que, ao falar sobre tal tema, os depoentes fizeram alusão à frase encontrada no manifesto da Cooperativa dos Rádios-Amantes: “Piratas são eles. Nós não estamos atrás do lucro [...]” (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1986). Esse pensamento aponta para a ideia do rádio utilizado para o entretenimento, um hobby prazeroso que não tinha pretensão de se tornar um negócio economicamente rentável.

Ao estudar as representações racializadas na cultura popular ocidental, Stuart Hall (2016) argumenta que há contraestratégias que podem subverter o processo de representação. O autor denomina tal prática como transcodificação. Nesse processo, toma-se um significado existente e se reapropria deste para criar significados. Ao verificar os depoimentos apresentados, averigua-se que o processo de transcodificação foi realizado pelos entusiastas do rádio envolvidos com os meios de comunicação alternativos da cidade de Sorocaba. Ou seja, transformaram o termo pejorativo pirata em um vocábulo ligado a liberdade de expressão.

Ao relatar suas experiências com as emissoras independentes de radiodifusão, Fernando Noronha Moreira (2019) afirma que

[...] o termo pirata não tinha relação com a intenção de lucrar financeiramente com essas rádios. Para nós era um entretenimento, fazíamos por amor. Quem estava atrás do ouro eram as rádios comerciais [...]. Não tinha retorno financeiro nenhum. Ocasionalmente, ganhava um lanche de uma lanchonete que anunciávamos no rádio. Não era propaganda, somente comentávamos que lá era um ambiente legal. Por isso, a expressão pirata não incomodava. Outro ponto que reforçou a ideia de pirata como um termo legal para os jovens foi a estreia do programa *TV Pirata* da Rede Globo. Com um humor voltado para o público juvenil, a *TV Pirata* auxiliou na propagação do conceito de pirata como uma coisa rebelde, nova e bem-humorada [...]

O testemunho reafirma a ideia de transcodificação praticada pelos donos de radiodifusoras independentes. Porém, nota-se que até mesmo o poder hegemônico auxiliou na subversão do termo pirata. Ao lançar um programa voltado para o público juvenil denominado *TV Pirata*, a ideologia dominante representada pela Rede Globo transforma representações sociais negativas em positivas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Expuseram-se neste texto algumas nuances sobre como o jornal *O Cruzeiro do Sul* noticiou o

movimento das rádios livres sorocabanas. As resultantes indicam que, na primeira matéria, houve um esforço por meio da mídia impressa para criar um estereótipo negativo dessas mídias clandestinas. Contudo, a estigmatização foi subvertida pelos donos dessas iniciativas.

Já na segunda notícia se percebe uma mudança no discurso. Isso se deve ao reconhecimento nacional e internacional adquirido pelas emissoras independentes de radiodifusão. Com o crescimento do interesse pelo assunto, o posicionamento da mídia impressa se torna mais respeitoso diante de tais ações.

O periódico estudado não é a única mídia a retratar o acontecimento. Nesse sentido, a atividade não tem a pretensão de afirmar que as argumentações efetuadas representam a totalidade de representações sociais e opiniões sobre os meios de comunicação alternativos da cidade de Sorocaba. Ou seja, as anotações críticas expostas nesta escrita se orientaram por meio de um recorte específico. Tal olhar não produz resultantes conclusivas devido a abundância de informações sobre as rádios livres sorocabanas que ainda necessitam ser pesquisadas.

O processo de cruzar informações com os relatos coletados em campo irá se desenvolver durante a pesquisa. Assim, pretende-se realizar tal atividade tendo como base outras referências ainda não exploradas (jornais, revistas, livros etc.) que documentaram parte da história dessas emissoras clandestinas.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Claudio José Dias. Rádios livres sorocabanas: o depoimento de Cláudio José Dias Batista sobre a rádio Voyage. [Entrevista concedida a] Felipe Parra e Luciano Victor Barros Maluly. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 45, n. 1, p. 211-220, 2019. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/3683>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico**: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

COSTA, Mauro Sá Rego. Rádios Livres e rádios comunitárias no Brasil. **Revista Periferia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 1-13, 2010. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/3444>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FILHO, Joaquim de Carvalho Gil. Rádio pirata, uma questão polêmica. **O Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, 02 nov. 1986. Mais Cruzeiro, p. 1.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2013.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

KURAMOTO, Renato Yoichi Ribeiro; APPOLONI, Carlos Roberto. Uma breve história da política nuclear brasileira. In: **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 379-392, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/6612>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2014.

_____. Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em Comunicação. In: BRAGA, J.L.; LOPES, M.I.V.; MARTINO, L.C. (orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 27-49.

MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. **Rádios livres: reforma agrária no ar**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

MOREIRA, Francisco Noronha. **Entrevista: Francisco Noronha Moreira** [abr. 2019]. Entrevistador: Felipe Parra. Sorocaba, 2019. 3 arquivos .MP3 (76'14").

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NUNES, Marisa Aparecida Meliani. **Rádios livres**. O outro lado da voz do Brasil. 1995. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

PEREIRA, Antonio Isaias Antunes. **Entrevista: Antonio Isaias Antunes Pereira** [abr. 2019]. Entrevistador: Felipe Parra. Sorocaba, 2019. 3 arquivos .MP3 (74'32").

POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

RÁDIOS clandestinas já preocupam. **O Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, 12 out. 1982. Sorocaba. Caderno 1, p. 15.

STECKER, Paulo. **Entrevista: Paulo Stecker** [abr. 2019]. Entrevistador: Felipe Parra. Sorocaba, 2019. 3 arquivos .MP3 (146'08").

TORRES, César Augusto Bernal. **Metodología de la investigación: para administración, economía, humanidades y ciencias sociales**. Bogotá (Colômbia): Pearson Educación, 2006.

How to cite (ABNT)

PARRA, Felipe. Scientific journalism, social representations and stigmatization: news published about Sorocaba's free radio stations. **JOSSHE: Journal of Social Sciences, Humanities and Research in Education**. v. 3, n. 1, p. 38-47, Jan./June, 2020. DOI <http://dx.doi.org/10.46866/josshe.2020.v3.n1.86>.